

Ilusões de introspecção*¹

James Sully

894 O uso do termo Ilusão em ciência é geralmente restrito a erros de sensopercepção. Na linguagem popular, por outro lado, seu uso estende-se a diversos outros tipos de erro: fala-se de uma ilusão da memória, de uma ideia ilusória a respeito do próprio caráter e assim por diante. Se tentarmos descobrir o que possuem esses erros em comum, descobriremos que todos eles apresentam-se como um conhecimento imediato, ou seja, trata-se de qualquer variedade de cognição que não seja conscientemente baseada em alguma outra cognição e que pareça óbvia. O termo ilusão é, assim, oposto a falácia que simula a forma de um processo consciente de inferência. Embora a psicologia certamente tenda a assimilar todos os processos intelectuais e identificar o conhecimento imediato e mediato ou, para usar a expressão de Lewes, a lógica do sentimento e a lógica dos signos, enquanto formas de um único processo, parece haver certas vantagens em tratar separadamente os erros que simulam a forma das intuições irresistíveis não obtidas por nenhuma operação de raciocínio possivelmente precária. Essas ilusões popularmente reconhecidas podem propiciar um objeto de investigação especialmente valioso, no mínimo por apresentarem em sua mais alta densidade as forças que subjazem a todos os erros, isto é, por constituírem exemplos privilegiados dessas forças.

*¹ Publicado originalmente em *Mind*, 21, 1-17, jan.1881. Tradução de Luana Villac.

Se adotarmos a definição de Ilusão acima, podemos selecionar, *grosso modo*, quatro variedades possíveis do fenômeno: (1) ilusões de percepção (externa); (2) ilusões de introspecção ou percepção interna; (3) ilusões de memória; (4) ilusões de crença, incluindo aqui as errôneas cognições evidentes que não se enquadram nas demais categorias e que se expressam em antecipações, definidas ou indefinidas, assim como nos erros maiores a respeito do mundo, de si mesmo ou da natureza humana em geral.

Penso que podemos nos ocupar mais efetivamente de cada uma dessas variedades se tomarmos a primeira classe — a notória classe das ilusões sensoriais — como referência. Uma ilusão de sentido pode ser definida como uma interpretação incorreta de uma impressão sensorial resultando em um objeto percebido que, posteriormente, descobre-se não corresponder ao objeto de fato presente ao sentido. Interpretação aqui quer dizer não apenas a absorção da impressão enquanto percepção através de uma síntese entre elementos conhecidos diretamente ou por representação, mas também a definição da impressão sensorial em si enquanto dependente de processos de discriminação, comparação e classificação.

Ilusões de sentido ou de percepção se encaixam em duas classes mais ou menos distintas: ilusões passivas, ou *a posteriori*, e ilusões ativas, ou *a priori*. As primeiras devem sua força a algo na impressão sensorial do momento, à poderosa sugestão de uma imagem mental perante a qual a mente é completamente passiva. Já as últimas devem sua irrefutabilidade a uma atividade preexistente da mente, a alguma concepção prévia ou forma de expectativa que, em relação à percepção resultante, pode ser chamada de um processo de pré-percepção, para usar a útil expressão cunhada pelo dr. J. Hughlings Jackson. A fim de ilustrar cada classe, usarei a experiência das pessoas que alegam ver fantasmas. Um homem pode imaginar que vê um fantasma seja porque lhe ocorre ver um objeto no escuro que acidentalmente possui curiosa semelhança com uma aparição tal qual comumente descrita, seja porque ele está em um local do qual conhece a reputação de ser assombrado e onde, conseqüentemente, sua imaginação está ocupada dando forma à representação do objeto. Na maior parte das ilusões de percepção, tanto os elementos de sugestão quanto os de concepção prévia cooperam. Pode, entretanto, haver uma pura ilusão de sugestão, e em uma alucinação centralmente originada há claramente uma pura ilusão de concepção prévia.¹

Passemos agora à nossa matéria especial: as Ilusões de Introspecção. Por introspecção refiro-me à cognição reflexiva imediata da mente de seus próprios estados enquanto tais. Em certo sentido, tudo aquilo que conhecemos é, está claro, um estado

¹ Trabalhei em um esquema de ilusão sensorial em um artigo intitulado “Ilusões de percepção”, publicado em abril na *New Quarterly Magazine*.

mental, real ou imaginado. Assim, uma impressão sensorial é apreendida exatamente como qualquer outro sentimento da mente, como uma modificação mental. Todavia, não se fala em reconhecer introspectivamente uma sensação. Nossas impressões sensoriais distinguem-se de todos os demais sentimentos por possuírem um aspecto objetivo, de forma que frente a elas nossas mentes abandonam-se naquilo que o Professor Bain chama de atitude do olhar objetivo. A introspecção é limitada aos sentimentos que querem esse aspecto objetivo, e inclui a sensação somente enquanto esta é tida como apartada dos objetos externos em seu aspecto subjetivo, como um sentimento da mente, um processo praticamente impossível onde a sensação possui pouca coloração emocional, como uma sensação ordinária de visão ou de um som articulado.

Sendo assim, uma ilusão de introspecção será, de modo geral, suficientemente distinguível de uma ilusão de percepção. Mesmo uma alucinação de sentido, partindo ou não de uma sensação subjetiva, contém sempre a aparência desta sensação, e assim não poderia ser corretamente classificada como um erro de introspecção. Um ou dois casos duvidosos intermediários entre os dois grupos serão tratados agora.

Assim como ilusões de introspecção devem ser separadas das ilusões de percepção, também devem ser diferenciadas das ilusões de memória. Pode-se afirmar, com alguma razão, que, estritamente falando, toda introspecção é retrospecção, já que mesmo ao responder a um sentimento persistente a mente está representando reflexivamente a si mesma a experiência momentânea imediatamente precedente a esse sentimento. Em outras palavras, ter um sentimento e saber que o temos não são precisamente as mesmas condições mentais, sendo a segunda a consequência imediata da primeira, constituindo um estado *intelectual* mais completamente desenvolvido. Entretanto, a suposição de que este ponto de vista esteja correto não impede uma distinção mais ampla entre atos de introspecção e atos de memória. A introspecção deve ser vista como limitada a estados mentais imediatamente anteriores dos quais não se espera o surgimento de nenhum erro de memória. A consequência a se tirar disso é que as ilusões ligadas à consciência de identidade pessoal seriam mais apropriadamente classificadas como mnemônicas do que como erros introspectivos.

Uma vez mais é preciso fazer a distinção entre as ilusões de introspecção e as ilusões de crença. Um erro do segundo tipo pode ter sua origem em um erro do primeiro: uma opinião ilusória de um homem a respeito de si mesmo pode envolver erros de introspecção. Ao propor essa distinção entre as duas, refiro-me tão somente aos erros ligados a atos *únicos* de introspecção. Em relação a estes, uma ilusão de crença seria vista como uma composição.

Finalmente, devemos observar que nossa definição de ilusão de introspecção serve para distingui-la da falácia da introspecção pela ausência de qualquer coisa similar a um processo consciente de inferência. Assim, se considerarmos errônea a derivação de Descartes do fato da existência de Deus de sua posse da ideia, tal ação

de raciocínio conscientemente realizada constituiria antes uma falácia do que uma ilusão de introspecção.

Até aqui preocupamo-nos em estabelecer a definição ou determinar o conceito de ilusão de introspecção. Ainda não averiguamos que conteúdos ela de fato acrescenta a esse esquema ideal. Devemos agora passar a essa questão, a saber, se ao observar e interpretar outros sentimentos mentais além das impressões sensoriais, suas dissimulações e sensações subjetivas, algo como uma ilusão sensorial de fato ocorre.

Se definirmos uma ilusão de percepção como uma projeção errada de ideias subjetivas na região da existência objetiva imediatamente presente, veremos que a ideia desta ilusão pode estender-se a más interpretações dos acompanhamentos subjetivos imediatos das impressões sensoriais. Tais ilusões formariam um elo de conexão com as devidamente chamadas ilusões de percepção e com as ilusões de introspecção em um senso mais estrito, supondo que estas existam.

Como primeiro exemplo deste erro, tomaremos a atribuição errônea da beleza a objetos externos. Não estou aqui levantando a questão sobre a existência de qualquer qualidade externa independente de nossas mentes respondendo a nosso senso de beleza, ou se em todos os casos a projeção deste sentimento na região da existência objetiva é ilusória: esta é uma questão antes filosófica que psicológica. Partirei do pressuposto de que há certos aspectos de coisas externas, certas relações de forma, cor, em conjunto com certas associações, que são comumente reconhecidas como as causas do senso de beleza, e popularmente reconhecidas como corporificações da qualidade. Nessa perspectiva, a ilusão emerge sempre que um indivíduo passa de um sentimento presente a um objeto externo e chama a isso de beleza, vendo nele a causa de um prazer estético comum.

Este erro é muito comum. Embora nossas impressões estéticas estejam de acordo até certo ponto, elas não coincidem completamente. Diferenças permanentes de sensibilidade natural, de experiência e de associações tornam algo muito interessante a um homem e totalmente desinteressante para outro. E flutuações temporárias de condições mentais podem fazer com que um homem julgue uma coisa bonita em um momento e não em outro. Todavia, o arraigado hábito de tomar um sentimento individual como a representação de um sentimento comum — hábito que, conforme observei em outros lugares, está sem dúvida conectado aos mais fortes instintos sociais de nossa natureza — nos leva invariavelmente a dar validade objetiva às nossas preferências estéticas privadas e pessoais.

É digno de nota que esses erros se encaixem basicamente nas categorias de ilusões passivas e ativas. A atribuição errônea de um valor estético comum a um objeto pode ser efeito seja de um efeito peculiar da impressão sensorial, seja da cooperação de uma disposição subjetiva antecedente. A primeira classe pode ser ilustrada pela atribuição comum de beleza objetiva a coisas que nos encantam, sobretudo,

devido a sugestões individuais especiais, por exemplo, quando um homem atribui especial beleza à vista de sua casa, ou uma mulher ao seu filho favorito. Ilustrações da variedade ativa podem ser encontradas nos julgamentos que dependem de uma condição preexistente da mente. Nossa apreciação da natureza ou da arte é condicionada em parte por nosso humor temporário ou pela disposição de nossa mente. Há momentos de excepcional excitação emocional quando até mesmo uma paisagem comum provoca uma apreciável sensação de admiração; neste caso, tendemos irresistivelmente a atribuir um grau correspondente de valor objetivo à cena. O erro corresponde exatamente a esta ilusão de sentido que surge ao passarmos por cima da relatividade de nossas sensações às condições orgânicas do momento. Pode-se dizer que se trata de uma ilusão devida à hiperestesia temporária dos órgãos emocionais.

Aquilo que se aplica ao senso de beleza aplica-se, é claro, a todos os outros sentimentos excitados por objetos externos. O erro também não se limita a casos em que o objeto é capaz de tocar diversas mentes, como o fazem o terrível, o grotesco, o hediondo etc., mas às vezes surge até mesmo na instância de um sentimento distintamente pessoal. Assim, a mãe afetuosa instintivamente atribui os muitos sentimentos de prazer excitados em sua mente pela visão de seu filho à causa dessa excitação sob a forma de qualidades amáveis. No próprio fato de amá-lo ela o enxerga como objetivamente passível de amor.

O outro grupo de ilusões posicionado entre a percepção propriamente dita e a introspecção é o dos erros ligados à leitura das manifestações externas dos sentimentos de outros, bem como aqueles geralmente ligados à interpretação de signos imediatos não resultantes de um processo de raciocínio consciente.

Interpretar a aparência ou a fala de outra pessoa é claramente um processo mental análogo à percepção sensorial. Em primeiro lugar, há uma impressão sensorial reconhecida; em segundo, há a interpretação desta impressão com o auxílio de uma imagem representativa; e ambos os processos parecem ser igualmente imediatos ou “intuitivos”. Por outro lado, existe uma clara diferença: enquanto a percepção propriamente dita é uma reconstrução imaginativa de experiências externas, como as sensações musculares e táteis, a interpretação dos signos propriamente dita ocorre por uma representação de sentimentos subjetivos. Além disso, e este é o ponto principal, no segundo caso há um reconhecimento distinto do fato de que os sentimentos assim representados não são nossos, mas pertencem a uma outra consciência.²

² Parecemos querer algum termo científico para expressar o ato de interpretar estados mentais de outras pessoas. O termo “ler” não é preciso o suficiente. Diz-se às vezes que esta interpretação é uma combinação da percepção propriamente dita e da introspecção, mas isso não me parece uma descrição adequada do processo. Seja como for, o leitor verá minhas razões para tratar do tema antes da introspecção propriamente dita.

Os erros inerentes a este processo de intuição imediata dos sentimentos ou pensamentos de outros são bastante familiares. Aqui, uma vez mais, convém fazer a distinção entre as formas passiva e ativa de ilusão. Uma ilusão passiva surge sempre que, através da força de uma associação inseparável, determinada marca externa evoca uma imagem interpretativa errada. Na leitura da expressão emocional um exemplo revelador deste erro é a ilusão histriônica. Ao assumir a atitude corporal, o gesto e o tom característicos de uma paixão, como a raiva, um ator de primeira classe cria uma poderosa ilusão, já que, de acordo com as mais altas autoridades, o ator não pode arriscar-se a se entregar à emoção particular que está simulando. Outro exemplo deste tipo de ilusão não é incomum no cotidiano. Um homem possui algum traço peculiar, como sobranceiras particularmente levantadas ou um canto caído da boca que irresistivelmente evoca algum tom particular de sentimento. Mesmo quando nos acostumamos à peculiaridade, tal é a força do impulso para projetar o sentimento sugerido, que continuamente tendemos a recair no erro bobo.

Um erro similar muitas vezes ocorre em respeito à interpretação da linguagem quando usada de modo não-familiar. A estranheza muitas vezes cômica de uma língua estrangeira para alguém que visita um país onde ela é falada consiste na evocação de significados errados, sobretudo significados associados a sons similares na própria língua. O inglês que visita a Alemanha não pode ouvir uma senhora usar a expressão “Mein Mann” sem que pense em parte que ela está tratando especificamente da masculinidade do seu marido e da função de suporte e proteção atribuída ao sexo.

Os erros mais ativos ligados à leitura errônea dos sentimentos em outras mentes nos forneceriam material para um longo capítulo. Mencionarei apenas um ou dois exemplos notáveis. É comum a observação de que pessoas de natureza compassiva, ávidas pela resposta de outra mente, são predispostas a imputar sentimentos inteiramente equivocados aos outros. O caso extremo deste equívoco é obviamente o do apaixonado iludido que, ao olhar nos olhos de uma amante bastante comum “intui”, através de um fino sentido espiritual, um perfeito reflexo de suas aspirações e objetivos prediletos.

A interpretação da natureza pela fantasia antropomórfica e poética é igualmente um exemplo claro de projeção ilusória de um sentimento individual. Às vezes isso se deve a um notável grau de semelhança entre o objeto e a forma humana. Mas, na maior parte dos casos, a força da ilusão deve-se à forte predisposição emocional da mente do espectador. O homem solitário em comunhão com a natureza, embora tenha dado as costas à compaixão humana, tende a estender seus sentimentos mais profundos a seu ambiente inanimado. Sua saudade, sua tristeza, seus deleites momentâneos parecem ser devolvidos a ele pela face da natureza como um espelho. E é sobre este forte anseio emocional por compaixão muitas vezes subjacente às pitorescas transformações poéticas de objetos naturais em formas vivas que eu tive a ocasião de me debruçar ao falar das ilusões de sentido.

Finalmente, deve-se observar que esta leitura errônea de sentimentos individuais em outras mentes é encontrada em grande parte da crítica de arte atual. Um leitor que se sente de determinado modo ao ler um poema instintivamente tende a projetar o sentimento na obra e a vê-lo como o resultado direto da mente do autor. O leitor em questão o reconhece, conforme ele mesmo dirá, por uma “faculdade intuitiva”. Infelizmente não é com pouca frequência que duas naturezas sejam afetadas diferentemente pelo mesmo poema, apenas porque o leem com predisposições emocionais e antecipações muito diferentes; e há também a evidente dificuldade de atribuir sentimentos incompatíveis à mesma mente. Um estudante da “alta crítica”, como é chamada, pode se divertir descobrindo exemplos destas intuições emocionais contraditórias. E o mesmo se dá nas declarações atuais sobre a música. É lugar comum o fato de que a mesma música é sentida de forma muito diferente por diferentes pessoas, de acordo com suas disposições e suscetibilidades emocionais. Partindo deste bem averiguado fato, o sr. Gurney afirmou recentemente, com considerável engenhosidade, que a maioria das leituras comuns de certos sentimentos nas composições musicais como se estivessem na mente do compositor e conscientemente se exprimissem em suas obras musicais é totalmente ilusória.³

900 É evidente que em todos esses casos a ilusão terá um caráter mais ativo se, além da força preexistente de hábitos permanentes de sentimentos, houver algum impulso emocional concreto temporário em ação: um homem está mais propenso a encontrar tristeza em uma peça de música se ouvi-la quando estiver triste.

Precisamente a mesma coisa se dá no tipo mais intelectual de interpretação: o das palavras. Nossas compreensões equivocadas do pensamento alheio devem-se em parte aos nossos hábitos intelectuais permanentes, em parte à nossa condição intelectual temporária. Para ilustrar esse ponto, a seção “On Language” no quinto volume de *Problems of Life and Mind*, de Lewes, assim se inicia: “The great Lagrange...” (O grande Lagrange...) Tendo a imagem da palavra “Language” (Linguagem) em minha mente, leio repetidas vezes “The Great Language”, confundindo-me com o sentido antes de descobrir meu erro.

Como consequência do que acaba de ser dito, quando uma expressão externa sugere a existência de um sentimento particular em outra mente e isso é instantaneamente reconhecido como a causa de algum sentimento diferente em nossa mente, a tendência a dar realidade objetiva a esta causa será excepcionalmente poderosa, sendo composta das duas forças recém-consideradas. Nesse sentido, é nessa classe de sentimentos, como a gratidão, a raiva, o desprezo etc. que encontraremos as mais coercitivas formas de ilusão. A ação de outra pessoa que parece ser um dano

³The Power of Sound, p. 345 e seg.

intencional muitas vezes produz por um momento a tênue ilusão de que fomos prejudicados, mesmo quando as evidências de que nenhum dano foi pretendido já satisfizeram nosso julgamento. A ilusão contrastante é ilustrada nos casos em que pessoas vaidosas tendem a receber como cumprimentos palavras e ações que a mais leve inspeção mostraria serem desprovidas de qualquer intenção nesse sentido. É evidente que o temperamento e os hábitos de sentimento preexistentes, juntamente com condições temporárias da mente, determinarão enormemente o caráter e a força destas ilusões em casos diferentes.

Pode-se acrescentar que a tendência poderosa da fantasia antropomórfica de vivificar e personificar a natureza, que, como vimos, repousa, sobretudo, no segundo dos dois impulsos ora considerados, é auxiliada pelo primeiro também. É um fato conhecido que quando um homem acidentalmente bate o pé em uma pedra ou outro obstáculo ele sente na hora um impulso irresistível de se zangar com o ofensor inocente, ou seja, ele faz uma vaga representação do objeto como tendo a intenção de machucá-lo. De maneira bastante similar, nossas emoções mais calmas tendem a construir causas para si mesmas sob forma de intenções e disposições emocionais vagamente representadas na natureza em direção a nós mesmos. Assim, o prazer profundo que uma bela paisagem natural confere facilmente toma a forma de um sentimento de gratidão para com um espírito benevolente da natureza.

Mas o leitor pode achar que durante todo esse tempo nos estendemos sobre os limites das ilusões de percepção e ainda não tocamos em nenhum erro de introspecção propriamente dito. Reconhecendo a força desta observação, passarei agora à nossa devida investigação, a saber, se existem erros ligados à interpretação de estados subjetivos da mente que não surgem concomitantes aos efeitos diretos de agentes externos, mas como fenômenos subjetivos isolados.

Um olhar rápido para nossos modos cotidianos de descrever estados internos propriamente ditos já nos mostra que existe uma espécie de leve equívoco constante no processo ordinário de introspecção. A reflexão abstrata sobre sentimentos subjetivos é uma arte aprendida com considerável dificuldade e pressupõe um grau relativamente alto de cultura intelectual. Onde esta está ausente existe uma disposição manifesta de traduzir sentimentos internos em termos de impressões externas. Não que este processo se aproxime do processo da alucinação, mas existem sentimentos internos que são intuídos como tendo uma causa ou origem análoga à das impressões sensoriais. Assim, para a mente não instruída um pensamento repentino parece um anúncio vindo de fora. O homem supersticioso afirma estar sendo conduzido por algum espírito bom ou mau quando novas ideias ou novas resoluções surgem em sua mente. Para a inteligência simples do homem rude, qualquer pensamento se apresenta como análogo a uma voz audível e ele comumente descreve suas ruminações como se dissessem isso ou aquilo para si mesmo. E este modo de ver a questão reflete-se até na linguagem de pessoas cultivadas: dizemos “essa ideia me veio” ou

“nasceu em mim”, “eu fui impelido a fazer isso ou aquilo” e assim por diante, e deste modo tendemos a assimilar fenômenos mentais internos a externos.

O mesmo se dá em nossos modos habituais de descrever sensações internas de prazer e de dor. Quando um homem em estado de depressão mental fala que sua cabeça está “cheia”, é evidente que ele está interpretando um estado mental com a ajuda de uma analogia a um sentimento corporal. O mesmo se dá ao falarmos da mente “dilacerada” pela dúvida ou “alquebrada” pela ansiedade. É como se instintivamente traduzíssemos prazeres e dores mentais na linguagem das sensações corporais.

A explicação desta tendência profundamente enraizada em uma visão levemente ilusória de nossos estados mentais é, penso eu, fácil. Uma das razões diz respeito à relação das imagens mentais com as impressões sensoriais: tenderíamos a assimilar as primeiras às segundas quanto à sua natureza e origem. Isso explicaria o hábito comum de ver os pensamentos, que evidentemente são acompanhados por representantes de seus símbolos mentais, como vozes internas, um hábito que é provavelmente especialmente característico da criança e do homem primitivo, bem como do homem alienado.

902 Outra razão, entretanto, deve ser buscada para o hábito de assimilar sentimentos internos a sensações externas. Se a linguagem evoluiu como um incidente da vida social, sendo, ao mesmo tempo, seu efeito e sua causa, logicamente ela deve ter se ajustado primeiro às necessidades de expressão dessas experiências objetivas comuns que recebemos através de nossos sentidos. Nossos modos habituais de pensamento, limitados como o são pela linguagem, contêm traços desta origem. Não podemos conceber nenhum processo mental a não ser por uma vaga analogia a um processo físico. Em outras palavras, mesmo agora podemos apenas pensar com perfeita clareza quando estamos envolvidos com algum objeto de cognição comum. Assim, a esfera da sensação externa e dos agentes físicos nos fornece uma norma única ou padrão e instintivamente vemos estados mentais subjetivos em analogia a eles.⁴

⁴ O leitor notará que este hábito de atribuir uma origem material externa a estados subjetivos é de certa forma complementar à tendência instintiva já mencionada de atribuir vida e consciência a objetos inanimados. Em um ensaio sobre “Imaginação poética e concepção primitiva”, publicado na *Cornhill Magazine*, tentei mostrar que ambos os impulsos podem ser explicados pelo fato de que nosso primeiro conhecimento foi, naturalmente, o de seres humanos (nós e os outros), com sua natureza dual, corporal e mental, e que fazemos disso a norma ao observar todas as formas de existência, tanto material quanto mental. A consequência lógica seria que a representação de qualquer estado mental deve ser pelo menos acompanhada por uma vaga representação de um objeto material, isto é, nosso organismo corporal, como um suporte para aquele sentimento em particular.

Proceder à nomeação destes insignificantes erros nascentes é, porém, basicamente desnecessário, já que a questão quanto à existência de erros plenamente desenvolvidos que merecem ser situados junto às ilusões de sentido permanece ainda assim pertinente.

Um exame destas últimas mostra que em muitos casos o erro envolve não apenas uma má interpretação de uma impressão presente, mas uma apreensão equivocada da própria impressão. Assim, pode-se dizer que algumas das ilusões conhecidas como cor-contraste, a ilusão do estereoscópio e outras do gênero repousam em uma inabilidade de responder distintamente e reconhecer os elementos de impressão sensorial de fato presentes. A essa variedade de ilusão sensorial correspondem numerosos erros de introspecção. Na verdade, uma ilusão de introspecção propriamente dita pode em geral ser definida como uma apreensão equivocada dos conteúdos da consciência.

À primeira vista, o conhecimento de um sentimento presente parece absoluta e indubitavelmente certo. No entanto, uma pequena consideração dos erros aos quais estamos sujeitos a detectar na qualidade de uma impressão sensorial presente pode nos preparar para descobrir que às vezes o olho interno da mente é logrado. A introspecção, desde que nossa atenção esteja limitada a um único e bem definido sentimento intenso o qual podemos supor constante por curta duração, está, evidentemente, acima de qualquer suspeita. Se estou sofrendo de depressão mental intensa, a mera ação de olhar para dentro é suficiente para garantir a existência do sentimento, e nenhuma convicção maior é alcançada que aquela atingida desta forma. O problema da cognição introspectiva é, porém, raramente simples assim. Comparemos o processo de auto-observação ao da percepção externa.

Em primeiro lugar, é digno de nota o fato de que um estado de consciência é uma coisa excessivamente complexa em qualquer momento. Ele é composto por uma massa de sentimentos e impulsos ativos que muitas vezes combinam-se e se misturam de modo bastante inextricável. As sensações externas também vêm em grupos, mas, via de regra, não se fusionam em todos aparentemente simples como nossos sentimentos internos muitas vezes o fazem. A própria possibilidade de percepção depende de uma discriminação clara de elementos sensoriais, por exemplo, as diversas sensações de cor obtidas pela estimulação de diferentes partes da retina.⁵ Mas um mosaico claramente definido de sentimentos como esse não se apresenta na região interna: um elemento se sobrepõe e perde-se parcialmente no outro e a análise subjetiva é muitas vezes uma questão extremamente difícil. Nossa

⁵ Quase não há necessidade de observar que a fisiologia mostra que não há separação de sensações de cores elementares diferentes que são localmente idênticas.

consciência é, dessa forma, uma trama de textura fechada perante a qual o olho falha ao procurar suas diversas linhas e fios. Além disso, muitos desses ingredientes são demasiadamente indistintos, pertencendo àquela obscura região da subconsciência tão difícil de penetrar com a luz da atenção discriminativa. Essa observação aplica-se com particular força à massa de sentimentos orgânicos que constitui aquilo que se conhece por cinestesia ou sentimento vital.

904 Enquanto, para falar figurativamente, a diminuta anatomia da consciência é complexa em relação a sessões longitudinais da coluna mental, não é menos complexa em relação a sessões transversais. Sob circunstâncias ordinárias, impressões externas persistem de modo que possam ser transfixadas por um ato deliberado de atenção, e os objetos raramente passam tão rapidamente à cena externa sem que tenhamos tempo para um cuidadoso reconhecimento da impressão. Não é este o caso da região interna da mente. Os estados compostos de consciência ora descritos jamais permanecem perfeitamente uniformes, nem mesmo na mais curta duração que se pode conceber. Eles mudam continuamente, assim como os elementos do caleidoscópio variam com cada sacudidela do instrumento. Assim, uma tonalidade de sentimento perpassa outro de tal maneira que é muitas vezes impossível detectar sua qualidade exata; e mesmo quando o caráter do sentimento não muda, sua intensidade passa por alterações que uma observação acurada de sua quantidade é impraticável. Do mesmo modo, traços de uma cena interna podem aparecer nesta modificação instável por uma duração muito curta para permitir um reconhecimento próximo. Dessa forma, não se pode dividir com precisão o sentimento do momento de seus antecedentes e de suas conseqüências. A implicação total dessas considerações pode ser observada apenas quando refletimos acerca daquilo que está envolvido em um processo de reconhecimento, tanto externa quanto internamente. Em primeiro lugar, este processo envolve claramente um ato de atenção, e isto requer tempo, já que ocorre através de um processo de foco ou adaptação, discriminativo ou seletivo. Porém, uma vez mais, este processo de adaptação envolve levar o sentimento particular à correta representação; pois mesmo um sentimento interno é intelectualmente conhecido pela fusão da representação de um sentimento com o sentimento em si. Devemos lembrar que ao responder e dar um contorno à representação necessária, necessariamente saímos deste estado particular de sentimento no qual estávamos antes do início do processo de reconhecimento. Em outras palavras, enquanto observadores daquilo que ocorre dentro de nós, não podemos estar na mesma condição mental que quando não observamos. Há uma leve modificação dos conteúdos da consciência sempre que a atenção é deliberadamente dirigida a esses conteúdos. Sendo assim, deve ser muito fácil perder de vista, confundir-se e transformar, tanto na quantidade quanto na qualidade, os ingredientes reais de nossa condição mental.

Por conseguinte, surgem diversos pequenos erros de introspecção os quais, para distingui-los daqueles já mencionados, podem ser chamados de passivos. Estes

incluiriam todos os erros na detecção daquilo que está na consciência devido à complexidade do fenômeno e que não é auxiliado por nenhuma concepção prévia. Por exemplo, um estado mental pode falhar ao revelar as partes que o compõem à atenção introspectiva. Na química da mente os resultados são muitas vezes tão misturados que se tornam indistinguíveis. Assim, nossas ações podem ser atravessadas por um fator tão emaranhado com outros sentimentos que escapa à atenção. Quanto mais tênue for o sentimento, maior será a dificuldade de separá-lo e investigá-lo isoladamente. Mais uma vez, um erro de introspecção pode ter suas bases no caráter fugidio de um sentimento. Por exemplo, ao ser questionado se uma ação rápida que executou foi voluntária, um homem pode facilmente imaginar em retrospecto que não o foi, quando na verdade a ação foi precedida por uma volição momentânea. Estes sentimentos transitórios que não podem ser apreendidos no momento em que ocorrem por um ato de atenção geralmente desaparecem de uma vez, sem deixar nem mesmo um traço temporário na consciência.

Deve-se observar que esta confusão de elementos da consciência envolve uma espécie de erro bastante similar a uma ilusão de percepção que depende de uma interpretação equivocada de uma impressão sensorial. Isso é ilustrado pelos casos em que um sentimento ou uma emoção confundem-se com alguma inferência baseada neles. Em sua forma mais vulgar este erro se mostra como uma “intuição” de algo que seria inerente ao próprio sentimento. Por exemplo, um homem cuja mente está entusiasmada pela pulsação de uma nova alegria exclama “Este é o momento mais feliz da minha vida” e esta convicção parece estar contida na própria intensidade do sentimento. Evidentemente, a calma ponderação irá dizer-lhe que o que ele afirma é meramente uma crença cuja acuidade pressupõe processos de rememoração e julgamento, mas para a mente do homem naquele momento a supremacia desta alegria em particular é imediatamente intuída. E o mesmo se dá com a certeza de que o sentimento presente, por exemplo, amor, é eterno, capaz de enfrentar as mais severas provas etc. Um homem *sente* no momento que assim é, porém, como os fatos nos quais acredita referem-se a circunstâncias e eventos ausentes, está claro que este conhecimento não é de forma alguma intuitivo. Dessa forma, nos momentos de maior intensidade, nossas emoções carregam nossos intelectos com elas, confundindo as regiões de verdade, da certeza e da pura imaginação, e até mesmo o estreito domínio do presente e o vasto domínio do passado e do futuro. Nesses momentos pode-se dizer que diferenças de presente e futuro desaparecem e que a energia da emoção constitui uma certeza imediata de sua existência completa.⁶

⁶ É evidente que quando a mente passa erroneamente de um sentimento presente a algo remoto no tempo este erro aproxima-se da classe das ilusões de crença.

Passaremos agora à consideração de outras ilusões de introspecção mais semelhantes às ativas ilusões de percepção. Ao examiná-las, descobrimos que uma representação pura pode, sob certas circunstâncias, simular a aparência de uma apreensão, que uma imagem mental pode se aproximar de uma impressão sensorial. No caso dos sentimentos internos, esse risco se mostra de forma ainda mais notável. Os mais elevados sentimentos ou emoções distinguem-se das simples sensações-sentimentos por serem extremamente representativos. Assim, um sentimento de contentamento a qualquer momento, embora sem dúvida condicionado pelo estado corporal e pelo caráter das sensações orgânicas ou sinestésicas, geralmente depende, acima de tudo, de representações intelectuais de relações ou circunstâncias externas e pode ser chamado de uma prelibação ideal para as satisfações reais, como os prazeres do sucesso, da companhia de alguém e assim por diante. Sendo assim, é fácil para a imaginação evocar uma semelhança com esses sentimentos elevados. Uma vez que eles dependem largamente da representação, um mero ato de representação pode ser suficiente para excitar um grau deste sentimento dificilmente distinguível do sentimento de fato. Dessa forma, imaginar a mim mesmo como contente é realmente me ver no momento como de fato contente. Disso tudo se pode extrair que no ato de introspecção a mente está apta, dentro de certos limites, a encontrar o que ela está preparada para encontrar. E uma vez que há com frequência nesses atos, um desejo distinto de encontrar algum sentimento em particular, podemos ver o quão fácil deve ser para um homem, devido às suas predisposições e ao foco errado de sua atenção, enganar-se até certo ponto sobre os conteúdos reais de sua mente.

Observemos uma dessas ilusões ativas. À primeira vista pode parecer completamente simples determinar, a qualquer momento, se estamos nos divertindo, se nossa condição emocional eleva-se acima do limiar do prazer ou ponto de indiferença e recebe positivamente o que é agradável ou prazeroso. Existem, porém, boas razões para supormos que as pessoas enganam-se, e não com pouca frequência, em relação a essa questão. Talvez não seja exagero dizer que a maioria de nós é capaz de imaginar que está se divertindo, quando se conforma à moda temporária de diversão social. Já foi dito, não sem cinismo, que as pessoas se socializam menos para ser felizes do que para parecer que o são, e poder-se-ia acrescentar que nesta aparente diversão elas podem, desde que não sejam *blasés*, enganar a si mesmas tanto quanto aos outros. A expectativa da diversão, o conhecimento de que a ocasião objetiva propiciar esse resultado, o reconhecimento de sinais externos de diversão nos outros, tudo isso pode servir para cegar um homem nos estágios iniciais da diversão social a respeito de sua verdadeira condição mental.

Se olharmos de perto para essa variedade de ilusão, veremos que ela é muito similar, em sua estrutura e origem, ao tipo de percepção errônea que brota da desatenção à verdadeira impressão do momento sob a influência de uma forte expectativa de algo diferente. A representação de nós mesmos como entretidos desaloja de

nosso campo interno de visão nossa condição real, relegando-a à região da consciência obscura. A essência do autoengano pode ser entendida como a manutenção da representação na região superior da clara consciência para impedir a visão de algo situado abaixo dela. Se pudéssemos por um instante nos livrar desta representação e olhar para os sentimentos reais do momento, ficaríamos a par de nosso erro; e é possível que o processo de se tornar *blasé* envolva despertar de grande parte deste tipo de ilusão.

Assim como podemos nos enganar dentro de certos limites quanto à nossa condição emocional, podemos nos enganar sobre a real natureza de nossa condição intelectual. Quando uma ideia é particularmente agradável à nossa mente, podemos facilmente imaginar que acreditamos nela, quando na realidade durante todo o tempo há um processo consciente de crítica ocorrendo, ao qual se déssemos atenção o resultado seria um distinto ato de descrença. O fundamento lógico do elogio, que não é ineficaz mesmo com homens deveras intelectuais, parece ser o de que ele inclina a pessoa elogiada a se deleitar na prazerosa meia-ilusão que as palavras são verdadeiras, mesmo quando a reflexão cuidadosa mostra que elas são exageradas. Isso significa que a declaração do bajulador evoca uma representação vívida que por um momento simula a forma de uma crença.

É evidente que as condições externas da vida impõem ao indivíduo certos hábitos de sentimentos que com frequência entram em conflito com suas tendências pessoais. Como um membro da sociedade, ele tem motivos poderosos para atribuir certos sentimentos a si mesmo e este motivo age como uma propensão, perturbando sua visão daquilo que de fato está em sua mente. Enquanto isso se sustenta em questões leves, como a da diversão à qual nos referimos, aplica-se ainda mais a questões mais sérias. Por exemplo, um homem pode facilmente enganar-se acreditando sentir um sentimento adequado de indignação contra a perpetuação de algum ato mau ou cruel, quando na verdade seu sentimento é muito mais de compaixão pessoal pelo ofensor de quem ele previamente gostara. Dessa forma nos enganamos, disfarçando nossos reais sentimentos com um fino véu de faz de conta.

A região por excelência deste tipo de ilusão é a da moral e da vida religiosa. Estamos propensos a nos enganar no que diz respeito a nossos reais motivos, nossas aspirações dominantes e nossas mais elevadas experiências emocionais. O moralista e o teólogo claramente reconheceram as possibilidades do autoengano no tocante aos sentimentos e aos impulsos. Para eles não constitui mistério algum que o coração humano toma o ficcional pelo real, o momentâneo e o evanescente pelo permanente. E eles reconheceram também a dupla fonte desses erros, por um lado na poderosa predisposição de exagerar um sentimento presente, e por outro no ato de tomar o mero desejo de sentir-se de determinada forma pela posse real deste sentimento. Homens de natureza profundamente religiosa e dados à introspecção e ao autoexatidão confessaram em diversas ocasiões sua fraqueza em separar o trigo de um

impulso sincero do joio de um sentimento espúrio. E a melancolia mórbida à qual o hábito da autoanatomia, quando excessivamente satisfeito, amiúde leva ilustra suficientemente as incertezas que caracterizam o processo de autoanatomia moral.

A opinião dos teólogos a respeito da natureza da introspecção moral apresenta um contraste singular com aquela nutrida por alguns filósofos sobre a natureza da autoconsciência. Muitos destes supõem que ao interrogar sua consciência interna estão acima de qualquer risco de erro. O “livramento da consciência” é para eles algo que carrega o selo da autoridade suprema e que não pode ser questionado. E assim eles fazem do apelo à consciência individual o recurso final em todos os debates filosóficos.

No que concerne a essa operação, não parece provável que ela tenha imunidade a qualquer possibilidade de erro. Pois as questões que nos levam à introspecção são as mais sutis e complexas de nossa vida intelectual e emocional. E alguns destes filósofos chegam a afirmar que o homem comum está capacitado o bastante para lidar com as sutilezas deste processo.

Alguns destes mesmos filósofos já foram acusados de ter baseado parte de suas doutrinas em erros de introspecção. Essa acusação deve, é claro, ser recebida com alguma suspeita, já que foi levantada por discípulos declarados de outra escola filosófica. Todavia, como em nosso desinteressado e puramente científico ponto de vista presumimos que os filósofos, como os demais homens, são falíveis, e já que é certo que a introspecção filosófica não difere materialmente dos demais tipos de introspecção, parece lícito aludir a algumas dessas alegadas formas de ilusão em relação a outras e mais vulgares formas.

Veremos que as assim chamadas ilusões filosóficas podem, bem como as ilusões vulgares recém-mencionadas, ilustrar a distinção entre ilusões passivas e ativas. As presumidas leituras equivocadas da consciência individual resultariam tanto de uma confusão de elementos distintos, incluindo a sugestão errada, quanto de uma poderosa predisposição a ler algo no fenômeno.

Um tipo de ilusão no qual o elemento passivo parece mais conspícuo seria o erro no qual o interrogador da consciência individual incidiria em relação a simples estados da mente não analisáveis. Diante disso, não é provável que uma mera mirada interna ao emaranhamento dos estados de consciência seria suficiente para determinar o que é um fenômeno mental perfeitamente simples. Um estudo dos limites da discriminação concernindo às sensações simultâneas nos levaria a esperar que os sentimentos e ideias que entram juntos na consciência tendem a se misturar inseparavelmente em estados aparentemente simples. Assim, quando um escritor declara que um ato de introspecção demonstra o simples caráter não analisável de um sentimento, como o sentimento de beleza ou o de aprovação moral, o oponente a esse ponto de vista possui um bom argumento para dizer que essa simplicidade pode ser completamente ilusória. Similarmente, quando se diz que a ideia de espaço

não contém representações de sensações musculares, a afirmação pode claramente advir de uma inabilidade para analisar a ideia.⁷

Na maioria dos casos dos erros ditos filosóficos, porém, os fatores ativos e passivos parecem se combinar. A complexidade do próprio fenômeno mental favorece as chances de erro, e há predisposições independentes que levam a mente a enxergar o fenômeno de maneira errada. Isso parece aplicar-se à famosa declaração de uma escola de pensadores segundo a qual por um ato de introspecção podemos intuir o fato da liberdade, isto é, um poder de determinação espontânea de ação superior e regulador da influência dos motivos. É plausível afirmar que esta ideia surge parcialmente de uma mistura de fatos de consciência presente com inferências a partir destes e parcialmente de uma predisposição natural da mente a investir em si mesma esse poder supremo de origem absoluta.⁸

Da mesma forma, pode-se afirmar que outros famosos conceitos filosóficos estão fundados em um processo de introspecção errônea de estados mentais subjetivos. Em alguns casos parece de fato plausível ver essas ilusões como meros sobreviventes em vagas formas atenuadas de ilusões populares mais grosseiras. Mas o curto espaço me proíbe de entrar nessa questão, a qual, além disso, talvez não se inclua em nossa definição de ilusão de introspecção.

Ao delinear esse esboço bruto das Ilusões de Introspecção eu não tinha nenhum objeto prático em vista. Tentei olhar todos os fatos à parte de quaisquer conclusões a serem tiradas deles. A questão de o quanto a possibilidade de erro em qualquer região de investigação invalida todo o processo é difícil; e a questão sobre se as ilusões às quais estamos sujeitos na introspecção afetam materialmente o valor do método introspectivo na psicologia, como afirmam muitos, é sutil demais para ser tratada agora. É suficiente dizer que acredito que ela apresente maior risco do que aquele que a ilusão sensorial oferece ao valor material da observação externa. As diferenças óbvias são que nesta última estamos frente à frente com um objeto comum de investigação, enquanto na introspecção estamos tratando do que é individual e privado. Por essa razão erros individuais são muito menos facilmente

909

⁷ Percebo que depois de bastante prática reconheço este ingrediente muito melhor do que antes. E isso responde exatamente à declaração de Helmholtz segundo a qual sensações elementares podem, com a prática, ser detectadas como tonalidades parciais. Este reconhecimento separado envolve a representação correta. Por outro lado, os que se opõem a essa ideia podem dizer que o empirista está aqui lendo algo na ideia que não pertence a ela.

⁸ Devo ser franco e dizer aqui que eu mesmo, pressupondo ser o livre-arbítrio uma ilusão, tentei rastrear os diversos fios de influência que contribuem para sua extraordinária vitalidade. Ver *Sensation and Intuition*, Cap. V, sobre “A gênese da doutrina do livre-arbítrio”.

retificados na região das últimas do que nas primeiras. Esta é a dificuldade característica do método da introspecção. Porém, mesmo nossas experiências subjetivas estão em concordância umas com as outras dentro de certos limites, e na multiplicidade de observadores há um acercamento da certeza objetiva. E embora não possa ser dito que a introspecção já tenha se tornado um instrumento científico perfeito, devemos lembrar que ela é uma aquisição comparativamente nova da raça, e que devemos esperar que virá a se tornar mais precisa conforme o avanço da evolução.

JAMES SULLY (1842-1923)

Filósofo-psicólogo britânico, abriu o laboratório experimental de Psicologia na University College London, em janeiro de 1889. Foi um dos membros fundadores, em 1901, da British Psychological Society.